



Práticas de Letramento Digital na Educação Profissional e Tecnológica

Marilene Assis Mendes

(IFCE – Campus Limoeiro do Norte)

Resumo

As práticas sociais de uso de leitura e escrita a partir das mídias digitais são uma realidade crescente na sociedade como um todo. No entanto, sua utilização no contexto escolar é controversa, inclusive na educação profissional. Esta pesquisa tem por finalidade identificar as principais práticas de letramento digital dos professores do IFCE - *Campus* Limoeiro do Norte, enquanto Instituição de Educação Profissional e Tecnológica, e faz parte do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica – PIBIC Jr, da mesma instituição. Para tanto, utilizaremos como métodos a revisão de literatura e a pesquisa de campo. Fundamentaremos teoricamente o trabalho a partir de autores relevantes nessa temática, como STREET (2014), LEMKE (2010), BUZATO (2009), SOARES (2009), dentre outros. Para a pesquisa de campo serão entrevistados docentes e estudantes do *Campus* visando identificar as práticas de letramentos recorrentes na atuação pedagógica desses profissionais. A partir do referencial teórico elencado e das informações obtidas nas entrevistas, pretendemos identificar as práticas de letramento digital recorrentes no IFCE – *Campus* Limoeiro do Norte.

Palavras-chave: letramento digital, práticas de letramento, educação profissional e tecnológica.

Abstract

Social practices of reading and writing from the use of digital media is a growing reality in society as a whole. However, its use in the school context is controversial, including in vocational education. This research aims to identify key practices of digital literacy of IFCE teachers - *Campus* Limoeiro do Norte, as an institution of Vocational and Technological Education, and is part of the Institutional Program for Scientific Initiation Scholarship - PIBIC Jr, the same institution. To this end, we will use methods such as literature review and field research. Theoretically will base the work from relevant authors in this issue, as STREET (2014), LEMKE (2010), BUZATO (2009), SOARES (2009), among others. For field research will be interviewed teachers and students on campus to identify the recurrent literacies practices in the pedagogical work of these professionals. From the theoretical part listed and information obtained in the interviews, we aim to identify recurring digital literacy practices in IFCE - *Campus* Limoeiro do Norte.

Keywords: digital literacy , literacy practices , vocational and technological education



Introdução

A importância desta pesquisa reside na emergente e estreita relação dos alunos com as mídias digitais em contraste com a distância dessas mesmas mídias e a escola. O que se percebe é o despreparo e resistência dos professores em utilizar-se dessas ferramentas, bem como do conhecimento que é produzido e encontrado na rede (internet). Assim, o ambiente escolar nos dias de hoje encontra-se descontextualizado da realidade dos alunos, a parte do avanço tecnológico tão disseminado em nossa sociedade, principalmente pelos adolescentes e jovens em idade escolar.

Dessa forma, o objetivo desse trabalho foi identificar e analisar as principais práticas de letramento digital utilizadas pelos professores nos cursos do IFCE - Campus Limoeiro do Norte, enquanto Instituição de educação profissional e tecnológica. Entende-se que identificar os eventos e práticas de letramento digital que já vêm sendo utilizados por professores possibilitar-nos-á um diagnóstico mais próximo do real sobre a relação ensino e tecnologias digitais no Campus Limoeiro do Norte, bem como uma reflexão a partir de dados concretos sobre a necessidade e o tipo de ações interventivas para avanços no processo de letramento digital, conceito tratado logo adiante.

Pesquisadores recentes, como BUZATO (2014) e LEMKE (2010), vêm apontando para a necessidade de se estudar as novas formas de interação proporcionadas pelas mídias. Segundo esses autores, para que o indivíduo interaja de forma satisfatória nos espaços midiáticos é necessário que ele desenvolva algumas habilidades que são próprias desse espaço. Ou seja, um indivíduo que tenha um bom domínio de leitura e escrita não será necessariamente um bom “internauta”. Para interagir bem nos ambientes virtuais é preciso o domínio da linguagem digital, a adequação a cada contexto de uso (*chat*, *Whatsapp*, *fórum*, *blog*, *Facebook* etc.).



Some-se a isso o domínio da tecnologia utilizada. Dessa forma, entra em cena o que vem sendo denominado de letramento digital.

A palavra letramento ultrapassa a noção de saber ler e escrever. Refere-se à capacidade de usar socialmente a leitura e a escrita, praticá-las e responder às demandas sociais por elas geradas (SOARES, 2009, p. 40). Assim, letramento digital vai além do uso passivo do computador e das mídias; alcançando o domínio da linguagem digital, bem como uma postura crítica frente aos seus conteúdos.

O que temos percebido em nossa realidade escolar de uma instituição de educação profissional e tecnológica de nível técnico e superior é a pouca ou quase não utilização dos recursos digitais em sala de aula, aliada à rejeição dos professores por esses recursos. Além disso, muitas vezes os recursos digitais são utilizados como ratificadores de uma metodologia tradicional, que concebe o processo de ensino e aprendizagem como repasse de conteúdos, sem explorar as possibilidades que esses recursos oferecem. Em consequência disso, decorrem algumas constatações percebidas pelos profissionais que atuam no setor pedagógico do Campus, quer através de contatos e observações informais, quer através da análise dos relatórios de avaliação docente aplicados semestralmente. Entre essas constatações, destacamos: os alunos sentem as aulas como momentos monótonos e enfadonhos; utilizam-se da internet basicamente para acesso às redes sociais; alguns embates entre alunos e professores pelo uso dessas ferramentas durante as aulas; o plágio (“control C, control V”), etc.

Percebemos que há uma distância entre o nível de letramento digital dos alunos e o dos professores. Ao mesmo tempo em que a escola não pode ignorar essas tecnologias no contexto escolar, os professores também não poderão utilizar-se delas em sala de aula se não as conhecem, se não fazem uso efetivo delas, se não as dominam. A formação inicial dos docentes da instituição muito provavelmente não abordou a relação tecnologias digitais e educação, pois boa parte dos professores é



composta de mestres e doutores e com uma faixa etária superior aos 40 anos. Ou seja, já fazem pelos menos 20 anos que concluíram a graduação, e há 20 anos atrás os cursos de graduação certamente não contemplavam a temática das tecnologias digitais na educação.

No contexto de uma Instituição de Ensino Profissional e Tecnológico, como é o caso do Instituto Federal do Ceará – IFCE – Campus Limoeiro do Norte, essa realidade soa mais desafiadora, uma vez que a educação para o mundo do trabalho tem uma relação direta com a inclusão dos futuros profissionais no mercado, que está cada vez mais atravessado pelas tecnologias digitais.

A partir da situação exposta acima, indagamos: os professores do Campus utilizam os recursos digitais em sala de aula? Quais e de que forma? Como diminuir os impasses entre alunos letrados digitalmente e professores não (ou pouco) letrados digitalmente?

Essas e outras perguntas apontam para a necessidade de uma compreensão desse fenômeno de forma mais ampla, e, ao mesmo tempo, de suas implicações no cotidiano escolar da instituição. O que posteriormente poderá subsidiar ações de intervenção, como projetos de capacitação do corpo docente, oficinas de inclusão digital etc.

1. Fundamentação Teórica

Atualmente as tecnologias digitais estão revolucionando a comunicação de uma forma nunca vista antes. Ao fazerem a mediação da comunicação, essas mesmas tecnologias estão modificando a maneira de construir sentidos, pois os textos estão muito diversificados e as situações de leitura e interação comunicativas pluralizaram-se. Os elementos tempo e espaço também estão relativizados. Hoje podemos nos comunicar em tempo real com pessoas a quilômetros de distância, sem



necessariamente compartilhar do mesmo espaço físico, e sermos acionados a qualquer momento, independentemente do espaço em que estejamos, através de equipamentos que garantem a mobilidade da comunicação.

Nesse contexto, as pesquisas sobre letramentos ganharam um novo impulso com a chegada dessas tecnologias, pois elas trouxeram novas formas de transmitir informações e interagir com as pessoas (BUZATO: 2009; LEMKE: 2010, dentre outros). Os estudos sobre o tema mostram-nos que o conceito de letramento é diversificado, o que constatamos a partir das considerações de LEMKE sobre o caráter social do letramento:

Letramentos são sempre sociais: nós os aprendemos pela participação em relações sociais; suas formas convencionais desenvolveram-se historicamente em sociedades particulares; os significados que construímos com eles sempre nos liga a uma rede de significados elaborada por outros. (2010, p. 458)

Entendido como fenômeno ideológico, contextualizado, consequentemente podemos compreender que o letramento digital poderá ser utilizado para transformar o contexto em que é utilizado, uma vez que seu uso vem sendo cada vez mais exigido nas mais diversas atividades do cotidiano dos cidadãos. Nesse sentido, BUZATO aborda a relação entre letramento e inclusão, com viés na questão da inclusão digital:

Não se trata apenas de reconhecer que o acesso às TIC pressupõe a capacidade de receber e produzir informações por meio de dispositivos digitais, algo que a compreensão leiga de inclusão digital costuma denominar “alfabetização digital”. Trata-se de ampliar qualitativamente o debate sobre inclusão e tecnologia, contrastando a ideia mais restrita de alfabetização com a noção mais ampla e socialmente significativa de letramento. (2009, p. 01)



O termo letramento, na acepção em que é abordado nesse trabalho e na discussão que o envolve no campo de estudos da Linguística, é considerado recente em nossa língua. Segundo SOARES (2009), tal palavra foi utilizada pela primeira vez no Brasil por Mary Kato, no seu livro “No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística”, em 1986. O termo ocupa o lugar do antônimo de analfabetismo – palavra tão conhecida e utilizada em nosso país. Na obra “Letramento: um tema em três gêneros” (2009), SOARES faz uma retrospectiva com o objetivo de levar o leitor a compreender a origem do vocábulo, a necessidade desse novo termo na língua portuguesa, bem como o seu conceito. De acordo com a autora,

(...) o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita. (SOARES, 2009, p. 40)

Opondo os termos letramento e alfabetização, temos que: alfabetizado é o indivíduo que sabe ler e escrever, enquanto que letrado é aquele que faz usos efetivos, sociais da leitura e da escrita. Nesse sentido, FREITAS, no artigo intitulado “Letramento digital e formação de professores”, trabalha o conceito de letramento digital e afirma que

Ser letrado digital inclui, além do conhecimento funcional sobre o uso da tecnologia possibilitada pelo computador, um conhecimento crítico desse uso. Assim, tornar-se digitalmente letrado significa aprender um novo tipo de discurso e, por vezes, assemelha-se até a aprender outra língua. (FREITAS, 2010, p 338)



Seus estudos basearam-se em uma pesquisa sobre a formação continuada de professores com foco na identificação do nível de letramento digital dos mesmos confrontando-os com o de seus alunos. Segundo a referida autora, “Os professores precisam conhecer os gêneros discursivos e linguagens digitais que são usados pelos alunos, para integrá-los, de forma criativa e construtiva, ao cotidiano escolar” (FREITAS, 2010, p 340). No entanto, nos cursos de licenciatura que abordam a relação educação e tecnologias, “percebe-se que há preocupação com as tecnologias em si, mas não com o letramento digital do professor em formação” (FREITAS, 2010, p. 346).

Some-se a isso a constatação de que

(...) na rede informacional que nos envolve, misturam-se vários saberes e formas muito diversas de aprender, enquanto nosso sistema educativo ainda se encontra todo organizado em torno da escola e do livro (FREITAS, 2010, p. 341).

O aluno traz consigo muito conhecimento mediatizado pela internet, que discute com colegas e com os próprios professores.

Ele não vê mais o professor como um transmissor ou a principal fonte de conhecimento, mas espera que ele se apresente como um orientador das discussões travadas em sala de aula ou mesmo nos ambientes on-line integrados às atividades escolares. (FREITAS, 2010, p. 348)

Dessa forma, a escola precisa estar aberta ao conhecimento trazido pelo aluno, bem como às mudanças e novidades tecnológicas que não param de surgir.

No contexto da Educação Profissional e Tecnológica, faz-se necessária uma reflexão acerca do próprio conceito de educação profissional e tecnológica. De acordo com a LDB, Art. 39. “A educação profissional e tecnológica, no cumprimento dos



objetivos da educação nacional, integra-se aos diferentes níveis e modalidades de educação e as dimensões do trabalho, da ciência e da tecnologia”. Portanto, não deve ser uma forma de educação a parte, mas sim, integrada a todo o sistema educacional, voltando-se mais para as dimensões do trabalho, ciência e tecnologia.

SILVA (2010), cita Marx para e se baseia na sua visão sobre a relação entre trabalho e educação:

Segundo Marx, a educação tinha como objetivo a manutenção da divisão do trabalho, ou seja, a separação do trabalho manual do intelectual. Em outras palavras, sustentava que o ensino dado às crianças tinha como finalidade manter as diferenças sociais e o domínio de classe. Acreditava, porém, que a educação poderia ser uma alavanca para a emancipação e a mudança social (MARX, 1987 citado por SILVA,2010, p. 171-172).

A educação para o trabalho também deve ao mesmo tempo em que prepara o aluno para adentrar o mercado aí posto, ter a preocupação de prepará-lo para ser um agente de mudanças nesse mercado. Essas mudanças vêm ocorrendo e são visíveis nos conceitos de desenvolvimento sustentável, por exemplo. O profissional que é formado pela educação para o trabalho nos dias de hoje precisa ter uma formação mais completa, abrangente e humana. Sem isso, a educação não cumprirá o seu papel.

Nesse mesmo sentido, o conceito, ou os conceitos, de educação tecnológica apontam para a necessidade de formar sujeitos que sejam capazes não só de usar as novas tecnologias, mas também de produzi-las. Para GRINSPUN,

A educação tecnológica caracteriza-se por um dinamismo constante tendo a complexidade do meio (tanto em termos científicos como sociais) e a prospecção do futuro como faróis de seu projeto pedagógico. Não há uma preocupação específica em ensinar uma



tarefa/ofício a um educando, mas sim em fazer despertar nesse indivíduo o valor da tecnologia, sua utilização e a capacidade e possibilidade que ele possui em poder transformar e criar novas tecnologias. (2009, p. 83)

Além disso, é necessária a articulação do uso das tecnologias com a emancipação humana, de forma que a tecnologia não venha a ser utilizada em detrimento desta emancipação. Nesse sentido, GRINSPUN continua:

Num mundo atual em que a microeletrônica, a microbiologia e a energia nuclear assinalam novos caminhos de desenvolvimento da humanidade, com todos os seus progressos e perigos, temos que educar o homem para aprender e usar novas tecnologias, desenvolver e refletir sobre as necessidades dessas tecnologias e fazê-las aliadas e cúmplices do próprio bem-estar do homem e da sociedade. (2009, p. 90)

Portanto, faz-se necessário que a escola possibilite o letramento digital de seus professores e conseqüentemente de seus alunos, buscando despertá-los e capacitá-los para o uso consciente dessas mídias, possibilitando-lhes associar criticamente informações para posteriormente transformá-las em conhecimento em prol da emancipação humana.

2. Procedimentos Metodológicos

A pesquisa pode ser classificada como pesquisa de campo. Segundo LAKATOS & MARCONI,

Pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira



comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. (2003, p. 186)

Para a realização da pesquisa, construímos os questionários de coleta de dados. De acordo com GIL,

Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações, temores, comportamento presente ou passado etc. (2008, p. 122)

Para a pesquisa de campo foi aplicado um questionário junto a docentes e discentes do IFCE – Campus Limoeiro do Norte, que constituíram os sujeitos da pesquisa. O lócus da pesquisa foi o II semestre do curso Técnico em Eletroeletrônica do IFCE – Campus Limoeiro do Norte. A justificativa para tal escolha deveu-se ao fato de ser inviável a aplicação dos questionários a docentes e discentes de todos os cursos ofertados pelo referido Campus (cinco técnicos e seis superiores, onze cursos ao todo), sendo necessário um recorte. Dessa forma, optou-se pelo curso Técnico em Eletroeletrônica por ser um dos cursos com mais disciplinas voltadas às Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), como programação, desenho assistido por computador (CAD) etc. Além disso, como o projeto de pesquisa está vinculado ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica - PIBIC na modalidade Júnior (PIBIC Jr.), portanto nível médio, optamos por trabalhar com um curso técnico em detrimento dos cursos de nível superior.

Foram elaborados dois questionários: um para ser aplicado aos professores e outro para ser aplicado aos alunos do referido curso e semestre. No cabeçalho, foram solicitados dados básicos como sua idade e sexo, e formação e tempo de atuação no



magistério (para os docentes), etc. O nome do entrevistado não foi solicitado para preservar sua identidade, conforme a prática da pesquisa científica impõe.

As perguntas que compuseram os dois questionários versaram principalmente sobre o uso da internet nas aulas e ou nas atividades de ensino; e a opinião dos entrevistados sobre as TDIC e a internet no ensino.

Esses questionários foram disponibilizados, no período de uma semana, em formato eletrônico através da ferramenta *Google Forms*, em que se gera um *link* que foi enviado para os entrevistados através de *e-mail*. Em seguida, professores e alunos acessaram o *link*, fazendo com que os dados fossem recebidos e compilados pelo criador do formulário. É interessante ressaltar que foi feito contato pessoal e por telefone com todos os professores, bem como com a turma, explicando os objetivos da pesquisa, solicitando-lhes a colaboração e informando como proceder para responder às perguntas.

O questionário foi respondido por 100% dos docentes, num total de 06 professores. Já entre os alunos, o percentual foi de 69,56%, pois dos 23 matriculados na turma, 16 responderam.

3. Análise dos Dados

Conforme exposto na metodologia, foi aplicado um questionário muito similar aos dois grupos: professores e alunos. Dessa forma, analisamos as respostas comparando os resultados entre os dois públicos. Assim, temos que a maioria de todos os entrevistados é do sexo masculino; e a maioria dos alunos encontra-se na faixa etária de 20 a 30 anos enquanto que, entre os professores, metade encontra-se entre 20 e 30 anos, seguida de 33,33% que se encontra na faixa etária entre 31 e 40 anos.

A questão que tratava da utilização da internet como recurso nas atividades de ensino perguntava aos professores se eles utilizavam a internet nas aulas e ou nas



atividades de ensino, enquanto que aos alunos foi questionado se os professores utilizavam a internet nas aulas e ou nas atividades de ensino. Assim, obtivemos as respostas descritas na tabela abaixo:

Tabela 1: Uso da internet nas aulas e ou atividades de ensino

GRUPO	SIM	NÃO
PROFESSORES	3 (50%)	3 (50%)
ALUNOS	4 (25%)	12 (75%)

Fonte: Elaborada pela autora.

Percebemos uma diferença na percepção da utilização da internet no ensino dos alunos e dos professores. Enquanto metade dos docentes afirmaram fazerem uso desse recurso, apenas um quarto dos alunos conseguem identificar essa utilização em sala de aula.

Complementando essa pergunta, foi solicitado aos entrevistados docentes, que respondessem afirmativamente à questão anterior, listarem as principais atividades em que a internet era por eles utilizada no ensino; e aos discentes, as principais atividades utilizadas pelos professores. Dessa forma, chegamos à tabela abaixo:

Tabela 2: Principais atividades em que a internet é utilizada

PROFESSORES	ALUNOS
Imagens, Vídeos, <i>Datasheets</i> de componentes etc...	Artigos, pesquisas para seminário etc.
Busca de conteúdo atualizado e de material didático	Para entrar no acadêmico e ver o material de aula e fazer pesquisa sobre artigos e etc.
Utilizo a internet de forma a complementar o ensino em sala de aula por meio de pesquisa, trabalhos entre outros...	Subsídios para melhor apresentação dos conteúdos.

Fonte: Elaborada pela autora.

Dessa forma podemos constatar que a utilização da internet nas aulas em si ainda é pequena. Os professores a utilizam mais como um recurso de apoio para preparação das aulas e ou trabalhos que serão feitos pelos alunos em casa. Tanto é



que apenas um quarto dos alunos afirma que os professores a utilizam. Ratifica essa constatação a listagem das principais atividades na tabela 6, tanto pelos professores, quanto pelos estudantes. Nela percebemos a predominância de atividades de pesquisa como leitura de artigos. Os termos utilizados pelos entrevistados denotam esse caráter: “busca de conteúdo”, “pesquisa”, “subsídios”.

Além disso, sua utilização está muito voltada para a pesquisa, a busca de informações e conhecimentos. O que não deixa de ser importante, no entanto, para preparar melhor os alunos, inclusive para o seu desempenho profissional, deve-se trabalhar também a produção de novos conhecimentos.

A última questão versava sobre a utilização da internet e das TDIC na sala de aula. Foi solicitado que os entrevistados escrevessem sua opinião sobre o assunto. Assim, todas as opiniões escritas mostraram que os entrevistados posicionavam-se a favor da utilização dos referidos recursos em sala de aula, tanto professores, quanto alunos. Entre as respostas dos alunos, percebemos o quão pouco esses recursos são utilizados, pois quatro falas fazem menção a isso. Uma delas, diretamente, quando o aluno diz “Acho que esse recurso ainda é pouco aproveitado na sala de aula, ainda continuamos muito direcionados apenas ao livro e a lousa, acho que vídeos, notícias e jogos, por exemplo, podem contribuir bastante na fixação do aprendizado.”; e outras três respostas, quando utilizam o verbo “ser” no futuro do pretérito: “Seria ótimo”, “Eu creio que seria uma ótima ferramenta...”, “Acho que seria um grande facilitador...”.

Outro ponto importante é o fato de os alunos terem a percepção de que esses recursos devem estar relacionados aos conteúdos das aulas e serem utilizados de forma criteriosa, quando eles dizem, por exemplo, “Muito importante, mas deveria ter uma orientação da parte do Instituto de como usar da maneira mais fácil e rápida a internet para as funções que a gente executa tanto na sala como em casa relacionados com os ensinamentos aplicados no mesmo”, “Deve ser utilizada, quando vier a somar com



relação ao conteúdo, nas aulas ministradas pelo professor”, “Dependendo de como sejam utilizadas, as redes podem trazer maior desempenho nas atividades acadêmicas”, “Eu creio que seria um ótima ferramenta, se for bem usada”.

Dentre as respostas dos professores, destacamos a percepção dos mesmos de que a internet e as TDIC podem contribuir para a melhoria da metodologia de ensino quando eles afirmam que é “Fundamental para o aprimoramento das técnicas de ensino-aprendizagem” ou que “Vem como recurso para auxílio didático pedagógico”, ou ainda que é “Essencial. Com o desenvolvimento das Tecnologias Digitais e cada vez mais fácil o acesso, melhora-se a qualidade das aulas”. Eles destacam também a questão de critérios para sua utilização quando dizem “Acho que elas podem ser bastante úteis quando utilizadas adequadamente (há uma relação com o que está sendo estudado e tempo hábil)” e também a necessidade da escola não ficar numa esfera a parte da realidade do aluno e da sociedade em geral, quando afirmam que “Na minha opinião, a educação não poderia ficar de fora do mundo digital. A maioria dos jovens já tem pleno domínio da tecnologia e, usar a internet como recurso didático, com certeza iria despertar mais interesse por parte do aluno”.

4. Resultados obtidos

De acordo com o objetivo proposto no início desse trabalho e com os dados analisados acima, pudemos identificar como práticas de letramento digital mais recorrentes na Educação Profissional e Tecnológica aquelas voltadas para o exercício da pesquisa. São atividades de busca e leitura de artigos, conteúdos, material de aula, subsídios etc.



Além disso, 50% dos professores e 75% dos alunos entrevistados não identificam o uso da internet nas aulas e ou atividades de ensino. No entanto, docentes e discentes reconhecem as possibilidades de contribuição da internet e das TDIC para o ensino e ainda ressaltam a necessidade de adequação na sua utilização.

Considerações finais

Esse trabalho buscou contribuir para o estudo das TDIC no contexto da Educação Profissional e Tecnológica, que tem como finalidade a capacitação de futuros profissionais para atuarem num mercado de trabalho que está cada vez mais atravessado por essas tecnologias. Para tanto, investigamos as principais práticas de letramento digital que ocorrem nesse contexto. Letramento entendido como práticas sociais, portanto, situadas e contextualizadas, de leitura e escrita.

Dessa forma, constatamos que as práticas mais recorrentes são aquelas mais voltadas para a pesquisa, o estudo, a consulta de conteúdos, informações, conhecimentos. Identificamos ainda que o uso da internet e das TDIC no ensino em questão ainda é pequeno; e que tanto estudantes quanto professores reconhecem que esses recursos podem contribuir para o processo de ensino e aprendizagem. Contudo, ambos possuem a percepção de que tais recursos precisam ser utilizados de forma adequada.

É notório que há uma subutilização do potencial que as TDIC no ensino. No entanto, preferimos interpretar como processo em fase inicial e que se se desenvolver de forma contínua poderá levar professores e alunos ao estágio da criação, da produção. Como defende GRISPUN (2009), os alunos precisam não só conhecer as tecnologias em si, mas as bases e os princípios para serem eles mesmos capazes de transformar as tecnologias existentes e criar outras novas.



Como esse trabalho não tem a pretensão de exaurir essa temática, esperamos que novas pesquisas possam detectar, num futuro próximo, se a utilização desses recursos estagnou no patamar atual de pesquisa e consulta, ou se avançou no sentido de professores e alunos passarem também a construir conhecimentos e informações que são depositadas e encontradas na internet.

Referências

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm> Acesso em: 25 jun 2013.

BUZATO, M. E. K. **Letramento e inclusão**: do estado-nação à era das TIC. Disponível em: <<https://drive.google.com/drive/folders/0BxGeVsMkPJpgfnM2TkNfRFZGWmE4U0tVMmR6SkN2T1dsQllqNnlGVHNxa1gwUXp0SmttdHM>> Acesso em: 25/02/2015.

FREITAS, M. T. **Letramento digital e formação de professores**. Educação em Revista. Dez, 2004, v. 26, nº 03, p. 335-352. Belo horizonte, Minas Gerais. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/v26n3/v26n3a17>> Acesso em: 04 dezembro 2014.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6ª Ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRINSPUN, M. P. S. Z. **Educação tecnológica**. In GRINSPUN, M. P. S. Z. (org.). Educação tecnológica: desafios e perspectivas. 3. Ed.. São Paulo: Cortez, 2009. p. 37-104.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. - São Paulo: Atlas, 2003.

LEMKE, J. L.. **Letramento metamidiático**: transformando significados e mídias. Trab. linguist. apl., Campinas, v. 49, n. 2, p. 455-479, Dez. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-1813201000020009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 08 abril 2015.

SILVA, J. C. **Educação, Trabalho e Emancipação em Durkheim e Marx**. *Linhas – Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação*. Florianópolis, v. 11, n. 01, p. 169 – 180, jul. / dez. 2010.

SOARES, M. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

STREET, B. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação; tradução Marcos Bagno. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.